

Para além do espelho: a ficção pedagógica de Himani Bannerji*

Rodrigo da Rosa Pereira

Resumo: Em busca de respostas a por que e de que modo a escritura ficcional de Himani Bannerji adquire relevância específica para a cultura canadense, procuramos constituir uma reflexão crítica capaz de identificar, analisar e discutir o lugar e a significância da obra da escritora no contexto da Literatura Canadense (Sul-Asiática). Para tanto, propomos uma abordagem de sua escrita ficcional, evidenciando o tratamento literário-discursivo dos imigrantes de origem sul-asiática no Canadá. Nossas considerações teóricas e analíticas fundamentam-se na crítica literária do Pós-colonialismo e dos Estudos Culturais, particularmente no que se refere a noções que subjazem ao aspecto pedagógico da literatura. Como resultado, esperamos possibilitar um ambiente de revisão do discurso historiográfico-literário canadense, reconhecendo a produção ficcional da autora como significativa no contexto expressivo das minorias étnicas. Especificamente, através do entrelaçamento analítico dos contos “The Other Family” (1990) e “On a Cold Day” (1999), buscamos revelar a existência do caráter pedagógico pós-colonial dessa escrita narrativa. O conjunto simbólico da linguagem narrativa torna-se um elemento fundamental na construção de nosso argumento.

Palavras-chave: literatura canadense sul-asiática; escrita feminina migrante; pedagogia pós-colonial.

Abstract: Towards an understanding of why and how Himani Bannerji’s creative writing carries a specific relevance within Canadian culture, we aim at gathering a critical reflection to cope with identifying, examining and discussing the space and the significance of the author’s work in the context of (South Asian) Canadian Literature. Therefore, we propose an approach to this fictional writing in order to find how the South Asian immigrants in Canada are depicted literarily and discursively by the author. Our theoretical and analytical account is based on the literary criticism of Postcolonialism and Cultural Studies, especially in terms of the pedagogical features of literature. We intend to generate an environment of revision of Canadian historical literary discourse by acknowledging the author’s creative production as meaningful in the expressive context of racial minorities. The analysis of the short-stories “The Other Family” (1990) and “On a Cold Day” (1999) focuses on the postcolonial pedagogical aspect. The symbolic aspect of the narrative language becomes an essential element to our argument.

Key words: South Asian Canadian Literature; migrant women writing; postcolonial pedagogy.

* Prêmio ABECAN/Zilá Bernd 2009 – categoria Dissertação de Mestrado.

Résumé: En cherchant à comprendre pourquoi et comment l'écriture de fiction de Himani Bannerji prend une importance particulière pour la culture canadienne, nous avons essayé de construire une réflexion critique capable d'identifier, d'analyser et de discuter de la place et de la signification de son œuvre dans le contexte de la Littérature Canadienne (Sud-Asiatique). Ainsi, nous proposons une approche de son écriture de fiction, en soulignant le traitement littéraire et discursif de l'immigrant d'origine sud-asiatique au Canada. Nos considérations théoriques et analytiques sont basées sur la critique littéraire du Postcolonialisme et des Études Culturelles, spécialement en ce qui concerne les notions qui sous-tendent l'aspect pédagogique de la littérature. En conséquence, nous espérons créer un environnement de révision du discours historiographique et littéraire du Canada, en reconnaissant la production romanesque de Bannerji comme remarquable dans le contexte d'expression des minorités ethniques. Plus précisément, à travers l'analyse des textes "The Other Family" (1990) et "On a Cold Day" (1999), nous cherchons à révéler l'existence d'un caractère pédagogique postcolonial. L'aspect symbolique de son langage narratif devient un élément essentiel dans la construction de notre argumentation.

Mots-clés: littérature canadienne sud-asiatique; écriture féminine de migration; pédagogie postcoloniale.

Apresentação

Preocupados com a inclusão de uma autora situada duplamente na periferia da instituição literária, espaço que a escrita *feminina migrante* ocupa atualmente, ao longo das páginas que seguem, apresentamos a voz de uma escritora contemporânea *canadense sul-asiática*: Himani Bannerji. Em busca de respostas a por que e de que modo a escrita de Bannerji possui relevância para a cultura canadense, constituímos uma reflexão crítica a fim de identificar, analisar e discutir o lugar e a significância de sua obra na História da Literatura Canadense (Sul-Asiática). Desse modo, esperamos possibilitar um ambiente de revisão do discurso historiográfico-literário canadense, reconhecendo a obra da autora no contexto expressivo das minorias étnico-raciais e de gênero.

Na tentativa de evitar uma categorização da ficção de Bannerji sob a rubrica de termos fixos e genéricos, a partir de um recorte analítico específico, examinamos dois de seus contos, a saber: "The Other Family" (1991) e "On a Cold Day" (1999). Diante desse *corpus*, teórica e criticamente, fundamentamos o presente estudo em considerações que possibilitam uma compreensão dos aspectos pedagógicos que permeiam as literaturas pós-coloniais.

1 Literatura, migração e escrita feminina no Canadá

1.1 Pós-colonialismo e migração

O Pós-Colonialismo e os Estudos Culturais se fazem cruciais para o enfoque desejado, ao se ocuparem primordialmente em romper com a fixidez de conceitos e noções modelares no que tange ao discurso teórico e crítico da filosofia ocidental aplicado aos estudos da cultura e conseqüentemente da literatura. Conhecidas por seu uso político das teorias socioculturais contemporâneas para desafiar o legado do colonialismo, tais correntes têm constituído instrumentos importantes do processo de descolonização em determinadas conjunturas históricas e geográficas, notadamente nos casos das sociedades coloniais ou de países em desenvolvimento.

A partir das considerações atuais, tornam-se possíveis novas configurações capazes de englobar minorias até então excluídas do discurso oficial. De modo geral, as sociedades pós-coloniais têm se caracterizado por divisões e antagonismos sociais (Hall, 2004). Se categorias de extraterritorialidade e transnacionalidade tornaram-se recorrentes nas experiências contemporâneas (Bhabha, 1998), o interessante ao estudo da literatura mundial pode ser justamente o modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridades. É somente a partir dessa perspectiva que se torna possível situar a produção literária de, por exemplo, mulheres imigrantes, tais como as sul-asiáticas no Canadá: uma escritura decorrente das relações econômicas e sócio-político-culturais da atualidade, a qual remete o leitor à necessidade de *(re)pensar* a produção literária contemporânea canadense.

Ao explorar a ambivalência dos estereótipos construídos pelo discurso colonial como principal estratégia discursiva e psíquica de seu poder discriminatório racista, Bhabha (1998) alega que o estereótipo é uma forma “presa, fixa, de representação” que constitui um problema, negando o jogo da diferença, porque oferece “um ponto seguro de identificação em um momento qualquer” (p. 117). Segundo o estudioso, o

problema da discriminação como o efeito político do discurso (*pós-*)colonial está relacionado à questão da “pele” como “signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo” (p. 106). Assim, o discurso colonial desvela-se dependente do conceito de fixidez na construção ideológica da alteridade em mesma medida que a representação estereotipada nas práticas discriminatórias exige a repressão da diferença. Tal perspectiva fornece um importante aporte para compreendermos a ficção da autora em foco.

Estreitamente relacionado com a crítica pós-colonial, verificamos que o tema da migração tem se revelado recorrente no âmbito da escrita literária e de suas reflexões teóricas e críticas nas últimas décadas. De acordo com Cury (2006), essa temática se tornou relevante na produção artística mundial. Todavia, mais do que a temática da migração propriamente dita, a questão relativa à produção literária migrante demonstra-se relevante para este estudo. Pelo fato de exibir várias faces – socioeconômicas, políticas, culturais e afetivas – a migração tem se tornado uma realidade apreensível somente na sua própria movência, de constante reconfiguração. Diante da prevalência de intercâmbios espaciais e culturais, muitas vezes os imigrantes elegem o espaço da literatura como um polifônico ponto de encontro para o duplo signo entre o *eu* e o *outro* que compõe sua identidade (Cury, 2006).

Para melhor compreendermos a crítica social presente no discurso ficcional dos grupos minoritários de imigrantes no Canadá, é necessário considerá-lo como país *aberto*, primeiro no mundo a proclamar-se oficialmente multicultural. Por um lado, é impossível concebê-lo sem levar em conta a questão da migração; por outro, até à segunda metade do século XX, a presença dos imigrantes de mais de uma centena de grupos linguísticos e etno-culturais não foi reconhecida como determinante para a composição de uma identidade canadense. Atualmente, o Canadá apresenta a literatura caracterizada por “representações inéditas, imagens inimaginadas, novos ritmos e olhares que se devem ao fluxo migratório” (Hanciau, 2006: 100).

1.2 Questões étnicas e a literatura canadense (sul-asiática)

No Canadá, a queda das políticas racistas representou uma manifestação promissora da visão de sociedade justa. Inicialmente, a maioria dos sul-asiáticos que migraram para o país sob a política de imigração não racista pós-1967 sentia uma gratidão pelo fato de ser um momento crucial de mudança. No entanto, gradualmente, os discursos de conforto, comunhão e familiaridade do estado-nação canadense revelaram-se discriminatórios, tornando-se alvo de inúmeras visões negativas das mulheres de minoria racial, muitas delas articuladas via produto literário (Mukherjee, 1999).

Atualmente, categorias minoritárias são empregadas para designar grupos étnicos não pertencentes às culturas dominantes (inglesa ou francesa) no Canadá, tais como *minorias visíveis* e *imigrantes de cor*. De modo particularmente engajado, a fim de debater as problemáticas étnico-raciais dessa categorização, as mulheres etnicamente desprivilegiadas têm se afirmado *não-brancas*. Dessa forma, elas realizam uma recente teorização no campo da literatura canadense, evocando a discussão em associação com as prévias questões de gênero e de classe. Resulta daí a necessidade de uma nova ótica sobre a escrita feminina, capaz de captar a pluralidade histórica das mulheres.

No que tange à ideia de agrupar escritores definidos conforme sua *etnicidade*, o fato de categorizá-los conforme suas origens étnico-culturais evidenciou uma nova configuração no tecido histórico-literário do Canadá. Conforme Arun Mukherjee¹ (1998), nos anos 1990 consolidam-se publicações cujo critério de inclusão dos autores é sua bagagem étnica. Assim, ao longo da década passada, em meio à emergência de um aparato teórico pós-colonial, a etnicidade torna-se uma ferramenta teórica importante para a análise e categorização da Literatura Canadense.²

¹ Canadense sul-asiática, de origem indiana, atualmente é professora (*York University*) e teórica de literatura canadense pós-colonial, notadamente a sul-asiática.

² Ver *Making a difference: Canadian multicultural literature* (1996). Organizado por Smaro Kambouleri, o livro reflete o estado transformado e em transformação das

Entretanto, a crescente utilização desse vocabulário pelos meios de representação ocidentais, especialmente na instituição acadêmica, conferiu à recepção e à análise de tais textos uma qualidade negativa preestabelecida, na maioria dos casos. O problema configura-se à medida que esse conjunto teórico-cognitivo, consolidado no discurso dominante do Canadá, confere aos escritores ditos pós-coloniais um lugar comum marginal no cânone literário e condiciona o que será dito a seu respeito (Mukherjee, 1998).

Assim, encontrar um modelo teórico-crítico literário suficientemente complexo, capaz de englobar essa diversidade, torna-se um desafio para uma instituição crítica que valoriza a clareza e a unidade. Até o momento, prevaleceu o que é supostamente um sistema relacional que atua no apagamento da diferença racial. Essa é a consequência de considerar a oposição branco *versus* não branco como a única questão significativa no debate. Nesse panorama crítico, os antigos paradigmas da literatura *nacional(ista)* e o cânone somente *branco* parecem já não convencer a todos. Por exemplo, Bannerji (1995) afirma não escrever da margem da tradição canadense, mas do centro de sua tradição étnico-racial.

De fato, apesar de ser relativamente nova no país, a comunidade canadense sul-asiática é expressivamente produtiva no âmbito literário desde sua chegada. Diferentemente de muitas outras comunidades de imigrantes, um número significativo de sul-asiáticos havia sido instruído por uma Educação Inglesa colonial, especialmente na Índia. Com o passar de poucas décadas, verificamos uma produção que evidencia a realidade da identidade sul-asiática no interior da Literatura Canadense (embora produza uma ideia de comunidade unitária que de fato não existe unificadamente). Apesar de não possuírem um projeto político unificado, os escritores canadenses sul-asiáticos podem ser vistos como produtores dessa entidade literária passível de análise devido ao fato de compartilharem fatores em comum, tais como cultura,

relações culturais canadenses, ao unir diferentes vozes que oferecem ao leitor apenas uma pequena amostra da constituição literária canadense em sua diversidade.

memória e um repertório de signos linguísticos. Assim, consolidou-se definitivamente o objeto de conhecimento chamado de Literatura Canadense Sul-Asiática, a qual vem gradualmente ocupando o espaço acadêmico.

Portanto, em meio à ausência de políticas nacionais antiracistas, a escrita feminina migrante em questão apresenta-se como desafio à constituição do cânone literário canadense. Ao posicionarem-se como etnicamente desprivilegiados – não-brancos –, escrevendo da especificidade de suas localizações, como membros de comunidades minoritárias, os canadenses sul-asiáticos colocam em xeque o lugar universalista adotado pelos escritores ditos brancos. Tal posicionamento contribui para a *re-escrita* da história literária canadense, interrogando e desestabilizando seu tecido cultural.

1.3 Literatura pós-colonial pedagógica

As intersecções entre a colonização e a literatura, bem como as ligações do imperialismo com a língua e a cultura inglesas, têm sido objeto de intenso debate na contemporaneidade. Segundo Morton (2003), são diversas as pesquisas críticas que examinam os modos como a literatura inglesa foi utilizada para *civilizar* os sujeitos colonizados – tanto as classes trabalhadoras britânicas quanto os *nativos* das colônias imperiais, particularmente a Índia.

No Canadá, existe uma longa história de luta entre a literatura canadense anglófona e a literatura inglesa, enquanto entidades nacionais, devido à colonização britânica. Foi somente ao longo dos anos 1960 e 70 que a literatura canadense conquistou um território reconhecidamente autônomo na academia. No entanto, estudiosos canadenses do pós-colonialismo alegam que a guerra não acabara, pois ainda seria necessária a *descolonização* dos estudos acadêmicos de Língua Inglesa no Canadá. Assim como atualmente consideramos a abordagem da literatura pós-colonial, é válido observar que a literatura canadense assumiu uma *prática de oposição* ao colonialismo para afirmar sua independência ideológica (Sugars, 2004).

Atualmente, observamos uma espécie de reavaliação do campo de estudos da literatura canadense, desde a perspectiva

dos recentes desenvolvimentos nas teorias pós-colonial e pedagógica. A influência das últimas décadas de teorização pós-colonial na literatura canadense tornou-se motivo de um debate intenso e produtivo. Muitas têm sido as sugestões alternativas de uma abordagem descolonizadora do estudo e ensino da literatura canadense. Porém, a noção de pedagogia pós-colonial leva a um exame explicativo para além dos limites da sala de aula, fato que alguns críticos têm descrito em termos de uma cidadania crítica (Sugars, 2004).

Embora o discurso teórico do pós-colonialismo tenha tornado possível a ocorrência da autoreflexividade no campo dos estudos literários canadenses, sua abrangência tem sido admitidamente limitada, por ainda não ter ocasionado a descolonização das estruturas e práticas institucionais (Sugars, 2004). Esse impasse sugere que estamos em um momento de decisão e de mudança dos modos através dos quais a literatura canadense vem sendo avaliada (Srivastava, 1997). Trabalhar com uma abordagem pós-colonial da literatura canadense deve significar esboçar etnicidade de maneira que se procure romper com a *branquicidade* ao mesmo tempo em que também se rompa com as localizações confortáveis de muitos educadores no Canadá (Goldie, 2004).

Spivak (1993) sugere que os textos literários forneçam um local retórico alternativo para articular as histórias das mulheres. Da mesma forma, entendemos aqui a literatura canadense sul-asiática enquanto um espaço capaz de articular a resistência das minorias raciais oprimidas pela cultura canadense dominante. Ao tornar possível um exame das estratégias utilizadas em textos canadenses de *resistência*, a literatura pós-colonial proporciona a capacidade de entender a configuração e articulação dos modos como os grupos minoritários expressam o antagonismo de suas experiências e estabelecem sua atuação social, política e cultural.

No entanto, é válido notar que o projeto de uma pedagogia pós-colonial canadense ainda não está delineado por inteiro; na verdade, encontra-se em fase de construção e consolidação. Apesar de não haver conclusões definitivas – e esta talvez seja sua maior virtude, até o momento – essa

corrente tem buscado uma abordagem literária afirmativa das minorias e capaz de descolonizar as mentes de cidadãos leitores, realçando o caráter pedagógico dessa escrita. Na transposição do engajamento social para textos criativos, a literatura demonstra-se capaz de proporcionar *re-visões* de concepções e *re-avaliações* de condutas. Logo, quando devidamente abordada, a literatura pós-colonial revela-se uma fonte cultural pedagógica.

2 Por uma escrita canadense sul-asiática

2.1 Himani Bannerji: contribuição crítica e criativa

Sul-asiática em diáspora, Himani Bannerji (1945-) nasceu e cresceu na Índia pós-colonial, mas teve uma educação colonial severa tanto na Índia quanto no Canadá, onde vive desde 1969. Além de escritora e tradutora de diversos livros, os quais incluem poesia, ficção e ensaios, ela atua como professora de sociologia na *York University*, em Toronto. A escritora se denomina “antiracista e feminista marxista” (2000: 52), e assume-se como uma “intelectual dos oprimidos”, alegando somente ser possível ocupar tal posição porque sua própria vida coloca-se como fonte de aprendizado e teorização, exemplar das relações injustas dentro das quais vive (2000: 40). Assim, a autora não vê a si mesma como escritora de literatura separadamente de sua crítica e de seu ensino, reconhecendo que tais posicionamentos ou atuações sociais estão no contexto de sua vida de modo indissociável (1995).

Embora seja mais conhecida por sua escrita crítica, a autora possui uma contribuição criativa significativa para o tecido literário canadense, particularmente no contexto expressivo das minorias étnico-raciais. Suas poesias, contos, artigos e resenhas têm gradativamente ganhado espaço em revistas e periódicos acadêmicos e em antologias variadas. No âmbito ficcional, além de contos (1990, 1999) em antologias de escrita feminina canadense, Bannerji já publicou duas coleções de poesia (1986, 1982), bem como um romance juvenil (1991a).

Na área crítico-teórica, Bannerji se estabeleceu enquanto figura notória no âmbito da discussão pós-colonial no Canadá com suas mais recentes publicações (2000, 1995, 1993a, 1993b, 1991b). Seus interesses de pesquisa situam-se acerca do marxismo, feminismo e antiracismo, com ênfase na relação entre cultura e política, sobretudo a leitura do discurso colonial com base no conceito de ideologia de Marx, somando a isso uma análise reflexiva de gênero, raça e classe, sob a ótica problematizadora do multiculturalismo. Para Bannerji, política não é somente algo que está nas ruas, mas uma estrutura de pensamentos; nesse sentido, a autora acredita que se não conseguimos transformar o mundo apenas com a arte, tampouco conseguiríamos sem ela (Kamboureli, 1996).

Por essa razão, em termos ideológicos, sua escritura pode ser vista como fundamentada no entrecruzamento de sua atuação enquanto socióloga e artista. Tanto sua produção crítica quanto literária trata da situação sócio-cultural dos imigrantes sul-asiáticos em meio à cultura canadense dominante. Nessa perspectiva, torna-se possível considerar a obra de Bannerji como um conjunto tanto literário quanto crítico, uma voz crítico-criativa.

No que diz respeito aos contos de interesse para este estudo, “The Other Family” (1990) e “On a Cold Day” (1999) foram ambos publicados em antologias de literatura canadense feminina. De acordo com Kain (2000: 10), nos estudos sobre imigrantes e escritoras canadenses, passagens dedicadas a Bannerji são comuns, mas estudos comprometidos exclusivamente com sua obra são escassos. “The Other Family” representa a narrativa ficcional de maior repercussão da autora em questão, levando-a a ocupar um lugar visível na literatura de vozes multiculturais, porque “todas as questões que aos pais de crianças de ‘minorias visíveis’ se colocam no contexto de suas vidas no Canadá, estão exemplificadas na história” (Marujo, 2001: 8). “On a Cold Day” destaca particularmente a “angústia do deslocamento cultural [...] de identidades partidas e apropriadas e da sua reconstrução através da morte, como revivenciamento da história” (Monteiro, 2006: 4). Os contos em questão se fazem exemplares para a proposta de abordagem do

caráter pedagógico da literatura pós-colonial. Cabe ressaltar que esse viés analítico faz-se singular; até o momento, sua fortuna crítica ainda não desenvolveu um argumento que dê conta das decorrências pedagógicas da recepção de sua literatura.

2.2 Através do espelho: o re-conhecimento

“The Other Family”³ conta a respeito de uma família canadense de origem sul-asiática. Em um final de tarde, a mãe espera pela filha que retorna da escola. Em casa, a criança mostra à mãe o desenho que havia feito em uma atividade de aula. O desenho, que supostamente representava o retrato de sua própria família, na verdade, reproduzia um modelo de família canadense branca. Ao se deparar com o desenho, a mãe da menina reage com indignação e tristeza. A criança, sem entender a reação da mãe, revela que o havia copiado de um livro escolar e que de fato todos os livros na escola possuíam aquele mesmo tipo de representação familiar. Porém, furiosa, a mãe discute com a menina na tentativa de lhe explicar que sua família não compartilhava daquela aparência.

Após o acontecimento, a mãe da menina entra em um estado psicológico de depressão e culpa, não apenas pela situação de apagamento da identidade sul-asiática de sua filha pela escola, mas também por sua indelicadeza com a própria filha; “por ter sentido ódio da filha em seu próprio medo de rejeição” (p. 142). Enquanto isso, a criança dirige-se para seu quarto, supostamente para dormir. No entanto, depois de perceber que sua mãe havia ido dormir, a menina levanta-se, vai até o banheiro, despe-se e analisa-se atentamente em um espelho de corpo inteiro. Nesse momento, ela enxerga o quanto configura a si mesma diferentemente da representação que havia copiado do livro escolar. No dia seguinte, na sala de aula, a criança pede a permissão da professora para terminar seu desenho, explicando-lhe que não havia acabado a tarefa. A

³ O texto encontra-se originalmente em língua inglesa, e todas as citações a seguir são resultantes de nossa tradução para o propósito único do presente trabalho. Uma possível tradução para o título do conto é “A Outra Família”.

figura que menina entrega à professora desta vez representa uma família de “pele e cabelos escuros”, ao lado da anterior (p. 145). Porém, a professora não compreende, e questiona a respeito da segunda família, ao que a menina responde subitamente que se trata de sua *outra* família.

A fim de desenvolver a visão dessa ficção enquanto pedagógica, cabe pensar a configuração das personagens em sua relação mais com o espaço do que com o tempo da história. Particularmente, interessa-nos explorar o contexto das relações sociais nos espaços de opressão e jogos de poder. Para tanto, existem elementos simbólicos significativos a serem considerados.

A narrativa se tece na tensão entre as autoridades (ou ideologias) promovidas pelos espaços das instituições Família e Escola, incidentes na formação identitária da jovem menina. Este tensionamento é construído textualmente através das personagens mãe e professora nas suas relações com a menina, na medida em que esta assume *a priori* o papel de filha e aluna em fase de formação identitária. Ao colocar em cena tal personagem, que se move no interior das referidas instituições, enquanto ambientes pedagógicos, o conto proporciona ao narratário uma relação igualmente pedagógica; pois a narrativa o faz imergir nesse processo de ensino-aprendizagem. Através da narrativa, o leitor testemunha a experiência de ausência de representação, apagamento identitário e não pertencimento protagonizada pelas personagens e torna-se capaz de reconhecer as condições de opressão sob as quais vivem determinados grupos minoritários no Canadá.

O desenho caracteriza-se como a mola propulsora da trama narrativa, porque representa uma família canadense branca, isto é, um estereótipo do modelo legitimado pelas culturas dominantes de ascendência europeia no Canadá. Tal representação imagética, que constitui antes uma fantasia – estereótipo do discurso colonial/nacional – do que uma realidade, especialmente no que diz respeito à família de imigrantes colocada em cena no conto, é o motivo da discussão das personagens mãe *versus* filha e da consequente mudança de autopercepção desta. Apesar de desestabilizador, ao reforçar os

sentimentos de distância e estranhamento da mãe com relação à filha, é o desenho que conduz a mãe a dar uma resposta à situação em que se encontravam.

O núcleo conflitivo se estabelece justamente na medida em que a personagem mãe diverge da educação promovida pela instituição de ensino e esforça-se para esclarecer sua posição para a filha. Apesar de se perceber como impotente diante de um sistema que foge de seu controle, ela desempenha um papel crucial na formação da filha: o de ensiná-la a afirmação da identidade étnico-racial diante da invisibilidade motivada pela escola. Decorre daí que o apagamento da diferença, reproduzido pela menina no primeiro desenho, adquire condição oposta na segunda versão.

É igualmente importante levar em conta a relação que se estabelece na narrativa entre os espaços do dentro e do fora no universo ficcionalizado. Compreender essa configuração permitirá estabelecer os diferentes ambientes pedagógicos e as distintas relações de poder (e saber) no interior das quais a protagonista se move, ou é movida, e para dentro dos quais o narratário também é transportado. São eles: a casa e a sala de aula ou a família e a escola, os quais se apresentam como o privado e o público.

Apesar de não ser nomeada ao longo de toda a narrativa, a figura da protagonista assume diversas representações no material narrado, constituindo um jogo de alteridade: é criança, é menina, é filha, é aluna. Mais do que nos diferentes momentos da ação, tais características manifestam-se nos diferentes espaços de convivência entre a casa e a sala de aula, e variam conforme os sujeitos em interação, podendo os diferentes aspectos da identidade da protagonista afirmarem-se ou rejeitarem-se conforme sua posição.

Por um lado, a personagem da menina constitui ponto central para o entrelaçamento do enredo, ao ocupar os espaços tanto privado quanto público das relações. Por outro lado, não há indícios no conto de que a mãe possua relação alguma com o espaço público senão através da personagem filha. Assim, o espaço do lar – último refúgio para os imigrantes, lugar em que se acredita ser possível manter e viver a cultura do país de

origem de modo não problemático – é retratado como desestabilizado por forças externas, justamente através da menina. Ao apresentar à mãe o desenho realizado na escola, testemunhamos que o espaço familiar vive uma tensão que foge ao plano individual, desvelando-se como problematicamente moldado na interação com as forças sociais e políticas do espaço escolar. Na relação da criança com a escola, verificamos que, por meio do desenho que leva à casa, aquela demonstra perda de identidade étnico-racial. Assim, configura-se uma imposição cultural, mesmo que para a professora aquela prática não seja consciente; estamos diante de um processo sistêmico que molda subjetividades.

Por sua vez, a personagem mãe constitui a resistência ao modo como ela e sua família são representadas pela escola, ou melhor, o modo como são anuladas da representação. Ao ocupar o espaço das relações privadas da menina, a mãe demonstra sentimentos de não pertencimento ao espaço canadense. Cabe lembrar que ela é conhecedora de outra realidade de vida, como tivera em sua terra de origem. Esses fatores justificam a culpa que a mãe assume pelo estado da relação que não apenas a faz sentir a filha distante de si, mas também se sentir estranha diante da própria filha. O olhar da mãe sobre sua filha como uma “figura solitária” (p. 141) evidencia a representação absolutamente estranha e distanciada da relação com a própria filha. Ao apresentar a menina, observada por sua mãe, o narrador introduz as preocupações e inseguranças de uma psique abalada, em crise. Ao que os indícios narrados indicam, a mãe é imigrante que se mudou para residir no Canadá quando já adulta. Ela representa o anseio pela terra natal, pelo *lar* deixado para trás, e a dor do deslocamento, da vida em trânsito, da adaptação, dentre outros aspectos. Justamente por isso, a mãe não pode deixar de ser vista como a possibilidade de resistência contra a imposição cultural que se expressa no desenho da filha. É nesse sentido que a personagem mãe desempenha um papel definitivo na mudança da autoidentificação da filha, ao se empenhar na conscientização desta quanto às suas verdadeiras posições enquanto sujeito social múltiplo.

Em contraposição, a personagem da professora é sujeito educador representante da instituição escolar. Em última instância, ela caracteriza-se como um dos elementos responsáveis pelo desempenho e eficácia do sistema educacional canadense. Ainda, ao não reconhecer a outridade da menina, na segunda versão do desenho, a professora expressa ignorância.

Por um lado, como discurso apreendido e reproduzido pela criança, o desenho vem a representar o custo da assimilação do discurso nacionalista canadense e sua cultura dominante. Por outro lado, a configuração final do desenho possui uma significação de extrema importância. É naquele ato que as personagens expõem, tanto para o narratário quanto para si mesmas, o mundo estranho, não definido ou compreendido dos imigrantes não brancos no Canadá. Ao tornar-se uma linguagem indecifrável para a professora, a imagem revela o mundo transicional das faces privada e pública da protagonista.

A partir dos elementos simbólicos da narrativa, temos a janela como elemento simbólico tanto da divisão espacial e cultural quanto do pertencimento duplo da menina, *canadense (e) sul-asiática*. Situação significativamente simbólica, a cena em que a mãe assiste a filha pela janela caracteriza logo de início a existência de uma certa *barreira* entre a mãe e a filha, porque esta vive a experiência do *fora* (de casa). Enquanto a janela funciona como elemento de separação, divisão ou delimitação entre os espaços do interior e o exterior, e conseqüentemente entre as relações da mãe e da filha, o espelho é o elemento simbólico do *re-conhecimento* da protagonista. É por meio deste que a menina torna-se capaz de *re-conhecer* a si própria através de um “ato de contemplação”, ao examinar-se em frente ao espelho, quando ela percebe “o marrom de sua pele, os olhos escuros, os cabelos pretos, o marrom rosado de sua boca” (p. 144). Portanto, através do espelho, a criança inicia o processo de uma nova autopercepção: o reconhecimento de sua identidade étnico-racial enquanto diferença. É somente a partir desse processo que a menina começa a articular a percepção de sua ausência de representação no discurso da escola.

A construção literária do ambiente de aprendizado e

reflexão que leva ao *re-conhecimento* remete ao esquema lacaniano de imaginário, na perspectiva psicanalítica. Particularmente, o ato reflexivo está relacionado à fase formativa do espelho. Conforme Lacan, o espelho funciona de modo a concretizar a questão relativa ao imaginário da criança em fase de formação (Bhabha, 1998).

Portanto, embora a escola canadense – espaço público das relações da menina – seja retratada como reprodutora de um discurso incapaz de reconhecer diferenças e particularidades étnicoculturais, esse mesmo espaço também proporciona à protagonista objetivar sua percepção da alteridade, quando ela percebe que existem “crianças de todas as cores, de todos os tipos de narizes e de diferentes cores de cabelo” (p. 145).

2.3 Através da janela: outro espelho

A história de “On a Cold Day”⁴ desenvolve-se no decorrer de uma manhã: “a manhã em que Asima se atirou” através da janela de seu apartamento (p. 334). A narrativa inicia com a construção dessa cena; logo, retrocede no tempo para focar as circunstâncias em que a personagem encontrava-se ao longo daquela manhã, de modo a justificar o suposto suicídio. Porém, o narrador em terceira pessoa possui onisciência parcial e não oferece certezas relativas ao suicídio.

Sem causas aparentemente concretas, a morte de Asima explica-se justamente pela *ausência de razão* que tomou conta da personagem. Porém, o ponto de vista que se faz relevante para nosso argumento, a partir de indícios textuais, é pensar que Asima foi empurrada pelo frio branco gelado, enquanto símbolo da força opressora que o Canadá exerce sobre os imigrantes de pele escura, com práticas discriminatórias que os tornam invisíveis, excluídos e deslocados.

A cena de Asima morta na calçada é o elemento responsável pela interligação das outras duas personagens

⁴ Assim como o texto anterior, este encontra-se originalmente em língua inglesa, e todas as citações a seguir são resultantes de nossa tradução para o propósito único do presente trabalho. Uma possível tradução para o título deste conto é “Em um Dia Frio”.

colocadas no palco dos acontecimentos. Primeiramente, Mr. Abdul Jalal testemunha a queda de Asima através da janela de sua mercearia e chama o socorro para a desconhecida. Em segundo lugar, “Debbie Burton ou Devika Bardhan” (p. 337) depara-se com Asima estirada na calçada, refletida em uma vitrine, quando se dirigia ao trabalho. A essa personagem é necessário dedicarmos maior atenção, não apenas por ela ocupar maior espaço no tecido narrativo, mas também e principalmente por experienciar o *re-conhecimento*, de modo semelhante à menina em “The Other Family”.

Com atenção estética especial para a linguagem metafórica, a narrativa em questão é dotada de forte simbologia, sobretudo baseada na exploração das cores. Particularmente, faz-se relevante explorar a parcela simbólica do texto que se apresenta na configuração das personagens no espaço. É somente a partir desse entendimento que desvelamos o caráter pedagógico do conto. Ao explorar o espaço em busca da simbologia nele contida e compreender sua relação com as personagens em (inter)ação, deparamo-nos com o frio como seu componente essencial. De extrema relevância para a decodificação do conto, de acordo com o argumento a ser desenvolvido, é indispensável compreendermos que o dia em que a história se passa não é qualquer um: é um dia frio, “especialmente frio” (p. 334). Esse frio, o qual já se fazia presente em “The Other Family”, mas não de forma tão expressiva, é significativo na configuração da narrativa em seus diversos elementos ficcionais (tempo-espaço, ambiente ou atmosfera, personagens, ação e suas relações) e está fortemente associado à cor branca, refletida tanto na neve e no gelo do inverno quanto na *cor* dos canadenses majoritários.

Nesse sentido, o conto desenvolve-se no espaço do branco, simbolicamente presente através do frio. O clima é explicitamente o de um inverno rigoroso, o qual aumenta sua intensidade de acordo com a progressão narrativa através das diferentes personagens. Na situação inicial, verificamos que o “ar frio” é apresentado como “uma luz branca ofuscante” que havia “revestido a cidade”, uma “luz branca fria” que “caiu sobre Asima” (p. 334). Na segunda parte, o frio é associado ao

“espaço silencioso, fechado, sólido, vazio, que se expandia e expandia” e “a comprimida tanto que o vazio do espaço na verdade parecia um objeto pesado, sólido, que não cessava de se expandir, empurrando-a contra a parede, impedindo-a de respirar” (p. 335). Em seguida, para Mr. Jalal, o frio é experienciado como “amargamente frio, cortando seu nariz e testa com uma faca de gelo” da qual ele se protege com “calças, casaco, manta e luvas” (p. 336). Por fim, Debbie o vivencia como “muito amargamente frio”, fazendo-a sentir “esse frio atingir seu rosto como um punho fechado [...] que alcançava seus ossos” (p. 336). Assim, em meio ao “espaço silencioso que situava-se no ar frio” (p. 338), as personagens são oprimidas pela “branquitude fria da cidade” (p. 340).

Desse modo, o espaço do Canadá “branco, frio, gelado” é retratado como opressor, pois age com violência para com as personagens. Tal fato se reflete simbolicamente no texto por meio do clima de inverno e da íntima relação construída entre os significantes *frio* e *branquitude*. Esse *frio branco*, então, adquire a conotação elementar de personagem antagonista, tamanha é sua presença e interferência constante na ação das personagens. Na verdade, essa espécie de personificação do frio pode ser vista como alegoria da sociedade canadense, retratada como “uma massa fria cor-de-gelo” (p. 339).

A cena introdutória do conto, em que Asima se encontra “estirada em uma calçada [...], absolutamente imóvel, assim como todos os objetos na calçada” (p. 334), desempenha um papel crucial para o enredo. Ao suscitar no narratário a busca pelas causas daquela circunstância, instigando um desvendar do caso, permite concluir que Asima confronta o clima opressor. Cria-se a seguinte imagem: “o Frio *versus* Asima”. Assim, torna-se mais clara a leitura do elemento espaço como antagonístico em relação às personagens. Nesse sentido, é imprescindível notar que estamos falando de personagens imigrantes não brancas, advindas de origens étnicas muito diferentes das européias, as quais constituem a hegemonia cultural canadense.

Se a cor possui simbologia significativa na construção do espaço, do mesmo modo se faz essencial na configuração das

personagens. Simbolicamente contrastante, a não branquitude de Asima é evidenciada por meio de sua “mão marrom” (p. 334), “rosto marrom [...], braço marrom [...], cabelos pretos” (p. 336) e “pele marrom” (p. 337). E tais significantes, baseados em cores, remetem diretamente à origem étnico-racial de Asima, representada como uma “mulher da Índia ou do Paquistão, de Bangladesh ou de Sri Lanka [...], simplesmente de qualquer lugar no mundo de origem sul-asiática” (p. 337).

A forte simbologia das cores, ao construir o Canadá a partir do branco onipresente, confere aos elementos não brancos uma negatividade constante, uma condição opressiva na qual as personagens configuram-se “pequenas, ineficazes e irrelevantes” (p. 334). Do mesmo modo, em “The Other Family” a menina é retratada como “não substantiva”, “tão pequena”, “tão só” (p. 141). Diretamente relacionada ao espaço público das relações, essa significação demonstra a condição minoritária das personagens. Tal condição minoritária traz consequências inevitáveis para as personagens, as quais se descobrem impotentes diante de um destino que foge do controle.

Se em “The Other Family” a imagem conotativa do “pequeno”, “ineficaz” e “irrelevante” está associada à *menina-filha-aluna*, em “On a Cold Day” ela é principalmente desenvolvida a partir da personagem Asima. É esta quem vive a condição do deslocamento cultural, encontrando-se no extremo da perda de motivo para vida. Do ponto de vista racional, os danos parecem irreversíveis. Se outra saída já não se faz possível, é na morte que a personagem encontra a *rota de fuga* dessa condição opressiva. Ao atravessar a janela, dirigindo-se à morte, “era como se houvesse uma carta de casa que falava uma língua familiar” (p. 335). Nesse cenário, verificamos uma certeza indicativa de que ela agora tem um destino, tendo encontrado um sentido para a vida: “ela deu um passo no ar. Para ela, aquele era o mais firme dos chãos” (p. 335).

Desse modo, Asima concentra o maior peso simbólico da narrativa. Personagem silenciada, impossibilitada da convivência, ela exerce um papel ainda mais importante para a presente análise à medida que funciona como elemento motivador do espelhamento de Debbie. Através do jogo de

alteridade, esta experiência o processo de autoreconhecimento ao espelhar-se naquela personagem. Tal ocorrência configura o eixo central da trama narrativa. Debbie enxerga a si mesma “deitada sobre o pavimento, refletida em uma vitrine” (p. 340). Uma onda de imagens toma conta de sua mente “na medida em que olha Asima mais de perto”, e “esse sentimento estranho de semelhança abre caminho ao alívio, como o sentimento de ver a si mesma refletida em um espelho deu lugar ao reconhecimento de diferenças” (p. 337). Assim, a presença de Asima à frente de Debbie coloca-se como ponto de interrogação, motivado especialmente pela identificação física entre ambas personagens. Embora “permanecesse deitada à sua frente, [...] não oferecendo respostas diretas à sua identidade pessoal, a mulher morta” desperta um sentimento de familiaridade e caridade. Ao reconhecer em Asima “algo de si mesma, e ainda de alguns de seus amigos”, Debbie pensa consigo mesma: “Uma mulher de meu país? [...] Por que ninguém está cuidando dela?” (p. 337). Ao mesmo tempo em que “era estranho o modo como ela via a si própria enquanto outra pessoa”, Asima despertara em Debbie “um frenético desejo de conhecer sua história, ao menos seu nome” (p. 338).

A *re-significação* de si mesma a partir de Asima é suficiente para transformar a autopercepção de Debbie. Através da reflexão, ela é capaz de *re-conhecer* e *re-construir*, em certa medida, sua identidade. Ao contrário de Asima, que desiste da vida, Devika confronta Debbie, e reconhece que sua assimilação da cultura branca em busca de aceitação, na verdade, gera o apagamento de sua condição de oprimida, motivada por uma identidade da qual jamais poderia se desfazer: sua cor. Porém, é somente ao se reconhecer em Asima que Debbie torna-se capaz de formular tais considerações a respeito de si mesma e de perceber que na rua “ela era como se fosse invisível” (p. 339).

Pensar esses fatores conduzem Debbie à formação de um imaginário crítico. Assim como a menina em “The Other Family” – que após examinar-se no espelho passa por um processo formativo, passível de ser entendido pela noção lacaniana de imaginário – Debbie ou Devika começa a perceber seu redor diferentemente após o espelhamento. Assim, a identidade

transparece não estar apenas no sujeito, como dependente da consciência individual, visto que a relação entre personagens se faz fundamental para o *re-conhecimento* de Debbie. Ou seja, é através da relação com o espaço do coletivo, do diálogo, que ela adquire a nova autopercepção. Entretanto, embora Debbie ou Devika não tenha morrido fisicamente, segundo Mukherjee (1994, p. xi-xii), “a importância dos nomes, demarcadores identitários e significantes dessa identidade, é a razão pela qual a transformação de Devika Bardhan em Debbie Barton marca uma perda tão definitiva quanto a morte”.

Para além do espelho

A análise literária permite-nos compreender o caráter pedagógico pós-colonial dessa ficção, dentre as várias portas de entrada interpretativas possíveis. Nesse viés, verificamos que ideologicamente a ficção em questão ocupa-se com a representação dos canadenses sul-asiáticos. Ao buscar a expressão da identidade étnico-racial dessa comunidade, na tentativa de questionar imagens estereotipadas, através de formas poéticas, tal escrita revela aspectos político-literários. Numa perspectiva mais ampla, essa literatura configura-se como expressão de denúncia da rejeição e opressão sofrida pelos imigrantes não brancos no Canadá, ao terem suas identidades suprimidas pela cultura dominante. Portanto, tal literatura pode ser motivadora de uma consciência coletiva em direção à transformação dessa realidade social.

Embora compartilhem dessa motivação política, os contos abordados demonstram não perder o mérito literário. Na configuração dos mesmos, os elementos-chave que desenvolvem a trama são minuciosamente escolhidos a fim de explorar literariamente as relações políticas do contexto; esteticamente interligados, os motivos das narrativas claramente justificam seus conflitos. De fato, as metáforas de sua linguagem conferem grau de sofisticação literária a essa ficção, constituindo-se essencialmente por meio dos elementos simbólicos.

O conjunto simbólico é elemento fundamental na

construção de nosso argumento diante dos textos literários em questão. Através do entrelaçamento analítico de “On a Cold Day” e “The Other Family”, verificamos inicialmente que o espelho e a janela exercem papel fundamental na configuração das narrativas enquanto elementos simbolicamente significativos. Adiante, percebemos que a simbologia está intimamente ligada ao fator pedagógico nas narrativas, pois é através do processo de reflexão (física e mental) que as personagens são levadas ao *reconhecimento* de si mesmas.

O elemento do espaço é fator significativo à medida que contribui diretamente para a constituição simbólica das narrativas. O clima de inverno onipresente, expresso através do frio e da neve, relaciona-se ao branco da sociedade canadense e sua cultura dominante. Esse ambiente, vivenciado como força antagonista às personagens, caracteriza o modo como são construídas e colocadas em (*inter*)ação nesse e com esse espaço.

Do mesmo modo que a obra da autora ocupa espaço marginal(izado) no âmbito da Literatura Canadense, a análise realizada permite-nos apreender que as figuras que protagonizam a ficção de Bannerji são coadjuvantes na História. Enquanto não brancos, sua aparência física é aspecto crucial a ser levado em conta, pois estabelece um referente para minoria. Por isso, a configuração do espaço nos contos é significativa. Se o branco é construído como uma espécie de *palavra-código* representante de um privilégio étnico, então são justamente as *outras* identidades étnicas das personagens, expressas através de sua *cor*, que as colocam em desvantagem. Longe de serem heróis, as personagens dessa ficção são mulheres que se descobrem em meio ao anonimato e à marginalização. Nesse sentido, é possível inferir da leitura dessa literatura que ser canadense sul-asiático é ocupar um espaço construído por um “discurso colonial discriminatório”, acima de tudo, baseado no “estereótipo da diferença” cultural, histórica e racial, construído sob o “conceito de fixidez na construção ideológica da alteridade” (Bhabha, 1998: 105).

Tanto em “On a Cold Day” quanto em “The Other Family”, o narratário desempenha outro papel importante para evidenciarmos os pilares que sustentam a literatura da escritora.

Ao serem construídas com base na verossimilhança para com o narratário, narrativas possibilitam ao leitor identificar-se na ficção. Em termos específicos, da mesma forma que as personagens vivem o processo de aprendizagem e de transformação, através do *re-conhecimento* e *re-definição* de si mesmas, os textos possibilitam o espelhamento do leitor no texto. Assim, as narrativas em foco adquirem um caráter pedagógico não somente no interior do universo ficcional, mas também perante o narratário que se torna um aprendiz diante das histórias.

A história da literatura mundial tem mostrado que os escritores geralmente produzem em busca de respostas às demandas de seus tempos. Atualmente, o fenômeno da migração tardia, nas sociedades do primeiro mundo, tem gerado uma cultura (que se expressa também pela literatura) capaz de resistir à ausência de representação que certos indivíduos têm sofrido nos modelos de ordem social vigentes. Ao avaliarmos os componentes ficcionais do conto, reconhecemos a possibilidade de espelhamento do leitor nas protagonistas. Concluímos que essa escrita se dirige ao leitor enquanto cidadão capaz de apreender e de se instruir politicamente a respeito de sua realidade social. Assim, verificamos que a literatura demonstra ser mais do que um objeto de arte, porque trata de seres humanos capazes de representar na arte seus modos de vida. A partir dessa perspectiva, torna-se possível abordar tal produção literária como a expressão de um processo continuado de descolonização e libertação cultural.

Referências

- BANNERJI, Himani. *A separate sky*. Toronto: Domestic Bliss, 1982.
- _____. *Doing time*. Toronto: Sister Vision, 1986.
- _____. The other family. In: HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion (Org.). *Other solitudes: Canadian multicultural fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- _____. *Coloured pictures*. 1991a.
- _____. *Unsettling relations: the university as a site of feminist*

- struggle. Toronto: Women's Press, 1991b.
- _____. (Org.). *Returning the gaze: essays on racism, feminism and politics*. Toronto: Sister Vision, 1993a.
- _____. *The writing on the wall: essays on culture and politics*. Toronto: TSAR, 1993b.
- _____. *Thinking through: essays on feminism, Marxism, and anti-racism*. Toronto: Women's Press, 1995.
- _____. *Mirror of class: essays on political theatre*. Calcutta: University of Calcutta Press, 1998.
- _____. On a cold day. In: SULLIVAN, Rosemary (Org.). *Stories by Canadian women*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- _____. *The dark side of the nation: essays on multiculturalism, nationalism and gender*. Toronto: Canadian Scholars' Press Inc., 2000.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CURY, Maria Z. F. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: BAUMGARTEN, Carlos A.; VAZ, Artur E. A. (Org.). *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006.
- GOLDIE, Terry. Is there a subaltern in this class(room)? In: SUGARS, Cynthia (Org.). *Home-work: postcolonialism, pedagogy and Canadian literature*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HANCIAU, Nubia J. Esses escritores vindos de longe... passagens obrigatórias pela escritura migrante do Canadá francófono. In: BAUMGARTEN, Carlos A.; VAZ, Artur E. A. (Org.). *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006.
- HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Marion (Org.). *Other solitudes: Canadian multicultural fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- KAIN, Geoffrey. Himani Bannerji (1942-). In: NELSON, Emmanuel S. (Org.). *Asian American novelists: a bio-bibliographical critical*

sourcebook. Westport, CT: Greenwood, 2000.

KAMBOURELI, Smaro. *Making a difference: Canadian multicultural literature*. Ontário: Oxford University Press, 1996.

MARUJO, Manuela. Vozes multiculturais de escritores canadinos. *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Universidade de Évora, maio de 2001.

MONTEIRO, Maria Conceição. Visões narrativas do migrante e seu processo de integração. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, Rio de Janeiro, Unigranrio, v. 5, n. 18, 2006.

MORTON, Stephen. *Gayatri Chakravorty Spivak: Routledge Critical Thinkers*. New York: Routledge, 2003.

MUKHERJEE, Arun. *Oppositional aesthetics: readings from a hyphenated space*. Toronto: TSAR, 1994.

_____. *Postcolonialism: my living*. Toronto: TSAR, 1998.

_____. Canadian Nationalism, Canadian Literature and Racial Minority Women. In: AZIZ, Nurjehan (Ed.). *Floating the borders: new contexts in Canadian criticism*. Toronto: TSAR, 1999.

SRIVASTAVA, Aruna. Anti-racism inside and outside the classroom. In: ROMAN, Leslie G.; EYRE, Linda. *Dangerous territories: struggles for difference and equality in education*. New York: Routledge, 1997.

SUGARS, Cynthia (Org.). *Home-work: postcolonialism, pedagogy and Canadian literature*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2004.